

---

**PERVERSÃO, UMA EXPERIÊNCIA DO MAL?  
O SADISMO EM *LA MARCHANDE D'ENFANTS*,  
DE GABRIELLE WITTKOP**

Perversion, An Experience of Evil?  
Sadism In Gabrielle Wittkop's  
*La Marchande D'enfants*

Anne Louise Dias<sup>1</sup>

**RESUMO:** Na trilha do Marquês de Sade, o romance *La marchande d'enfants* de Gabrielle Wittkop, publicado postumamente em 2003, apresenta-nos, nos mais cruéis detalhes, o cotidiano de uma traficante de crianças parisiense em plena Revolução Francesa. Nesse sentido, o presente estudo pretende compreender o modo pelo qual o mal é construído dentro da narrativa de Gabrielle Wittkop a partir da análise do comportamento sádico, dito perverso, de suas personagens. O romance de Wittkop nos revelaria um discurso violento, excessivo que, muito mais do que julgar as ações ali descritas, procura fugir e resistir a conceitualizações morais e religiosas acerca do mal permitindo-nos, assim, adentrar o mais profundo da crueldade humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gabrielle Wittkop; Marquês de Sade; Mal; Perversão

**ABSTRACT:** Following the steps of Marquis de Sade, the novel *La marchande d'enfants* written by Gabrielle Wittkop, and published posthumously in 2003, presents us, in the most gruesome details, the daily life of a Parisian child trafficker during the French Revolution. In this sense, the present study intends to understand the way in which evil was constructed within Gabrielle Wittkop's narrative based on the analysis of the sadistic, alleged perverse, behavior of its characters. Wittkop's novel reveals a violent, excessive discourse that, much more than judging the actions it describes, seeks to escape and resist moral and religious conceptualizations about evil, thus allowing us to penetrate the depths of human cruelty.

**KEYWORDS:** Gabrielle Wittkop; Marquis of Sade; Evil; Perversion

O século XIX abraçou a ideia do 'sadismo'<sup>2</sup> mais do que o próprio Sade, o escritor, e o fez a partir do estabelecimento de um conceito e de uma rede cada vez mais densa em torno de análises psicológicas, médicos, psicanalíticas e linguísticas. O texto de Sade foi, então, neutralizado, tornou-se frequentável. De fato, o campo da perversidade no qual atuara o Marquês

---

<sup>1</sup> Mestra pela Universidade de Brasília (UnB).

<sup>2</sup> O conceito toma então acepção vulgar e a perversão adentra o vocabulário comum caracterizando a obtenção de prazer sexual com a humilhação ou o sofrimento físico de outrem.

de Sade, um campo de interditos, seduz tal qual um convite; um convite árduo, mas que foi aceito por Charles Baudelaire, Arthur Rimbaud, Léon Bloy e mesmo Stendhal, embora as poucas menções ao divino Marquês em seus diários possam nos indicar o contrário. Adentrando a literatura como um tema profícuo, o sadismo figura “traço típico de negatividade, pois subordina algo tão positivo quanto o prazer a algo extremamente negativo, como é a dor” (CANDIDO, 2006, p. 139) e faz-se presente, segundo Candido, como uma das manifestações da negatividade romântica. Porém, para além da compreensão do sadismo no nível comportamental, é preciso entendê-lo como um sistema de pensamento, que partilha afinidades com Schiller e com os princípios de Goethe<sup>3</sup>, e que assume para si a força que estaria no cerne do romantismo e leva sua elasticidade, sua multiplicidade ao extremo. Dessa maneira, aceitar a proposta wittkopiana, que recupera a de Sade, de adentrar no campo do exceder da razão, da abertura à sensualidade aberrante, do acolhimento do halo da morte, ainda hoje nos limites dos estudos literários, é reconhecer que uma obra literária pode nos abrir espaço para o alcance de tudo que poderia vir a ser não apenas do campo perverso, maligno, mas do ‘ilegível’, do ‘impensável’, do ‘indizível’.

Historiadora e ensaísta, Gabrielle Wittkop (1920-2002) fez da sua literatura um instrumento de transgressão de tabus<sup>4</sup>. Em 1972, escreveu seu primeiro romance, o sulfuroso *Le nécrophile*, publicado por Régine Desforges, no qual retrata a história de Lucien, um necrófilo em atividade. Em 2003, apareceria finalmente *La marchande d'enfants*<sup>5</sup>, romance epistolar que já havia sido concluído desde 1976, mas cuja censura fora tão intensa que “Gabrielle Wittkop sabia quem não gostaria de vê-lo publicado enquanto ainda vivia”<sup>6</sup>. Tantas vezes acusada de ‘diabólica’ e ‘perversa’, Wittkop acatou com lucidez a alcunha de ‘monstro’<sup>7</sup>. Ela própria descrevera *La marchande d'enfants* como *pedofilosádico*<sup>8</sup>, reiterando não apenas o discurso subversivo do romance, mas também sua ligação com a figura do Marquês de Sade. Composto por vinte e sete cartas, o romance desvela a correspondência

---

<sup>3</sup> Com quem Sade compartilha, na França, a alcunha de escritor do romantismo *noir*.

<sup>4</sup> O conjunto da obra de Gabrielle Wittkop, ainda sem tradução para o português do Brasil, revela um retrato de sua distinta relação com a morte. Esse artigo é resultado de uma pesquisa que procurou, ao longo do mestrado, analisar tal relação.

<sup>5</sup> Em Portugal, o romance foi traduzido como *A traficante de crianças*, por Luís Leitão, pela editora Antígona e publicado em 2005.

<sup>6</sup> Tradução nossa. No original: *le savait qui ne voulait pas le voir publié de son vivant*. WALLEY, Bernard. In : LINDON, Mathieu. Wittkop, les enfants d'abord. *Libération*, edição de 28 de agosto de 2003.

<sup>7</sup> DUBOIS, Felicie. Gabrielle Wittkop. Ou la petite fille de Donatien. *Lunes*, n° 15, 2001, p. 55-64.

<sup>8</sup> Todas as traduções da obra *La machande d'enfants* são nossas. No original: *pédophilosadique*.

entre duas futuras colegas de trabalho, Marguerite Paradis e Louise<sup>9</sup>. Ao longo do romance, Marguerite, uma *maquerelle*<sup>10</sup> parisiense e mercadora de crianças, narra à sua discípula e doravante cúmplice o que se passava dentro de seu estabelecimento. Em suas historietas, ela relata os mais singelos detalhes do cotidiano, assim como tece as narrativas mais grotescas, nunca exonerando o leitor do horror de uma descrição poética das ditas depravações sexuais que, em *La marchande d'enfants*, ferem e destroçam o corpo infantil. Ali, a mercadora confidencia os segredos de sua profissão, aconselhando Louise sobre como se comportar e como capturar crianças, revelando o caráter pedagógico do romance de Wittkop - assim como deve se estruturar uma obra nos moldes sadianos que orienta e instrui tanto suas personagens libertinas quanto seus futuros colegas de profissão, os leitores.

É, portanto, no entrelaçar das fronteiras do mal e da perversão que Wittkop abordará o mal sadiano. A intercomunicabilidade entre os termos não é sem fundamento<sup>11</sup>. Até a entrada do termo 'perversão' no campo teórico da psicanálise, introduzido por Freud, a palavra era, então, costumeiramente associada à produção do mal. Compartilhando a raiz semântica de 'perversidade', perversão viria a ser tudo aquilo que adentra o campo dos contrários à moral, à justiça e designaria uma ação inclinada ao mal. A perversidade se encontraria, justamente, na vontade deliberada de 'fazer' o que é mal. O mal seria, antes de tudo, uma recusa da moralidade.

Em entrevista realizada por Helena Celestino e publicada pelo jornal *O Globo*, em 28 de junho de 2008, Elisabeth Roudinesco afirma que “a perversão é gozar com o mal”. Mas Roudinesco reitera que a união entre o que se considera mal e perversão não resulta, contrariamente ao que se costuma defender, necessariamente em crime. Nesse sentido, o enredo de *La marchande d'enfants*, que se passa entre 27 de maio de 1789 (data da primeira carta de Marguerite) e o mês de agosto de 1793 (data da última carta do romance, esta escrita por Louise), proporia então um retorno à discussão do dito comportamento maligno humano, colocando em cena atos perversos e amorais de suas personagens. A partir da compreensão dessa amálgama poderíamos vislumbrar, na narrativa de *La marchande d'enfants*, uma tentativa subversiva de ruptura das fronteiras estabelecidas pelas normas sociais, transformando a estética do negativo em um profícuo campo de estudo.

---

<sup>9</sup> São vinte e seis escritas por Marguerite Paradis e uma, a última, escrita por sua amiga de Bordeaux, Louise.

<sup>10</sup> Termo francês que designa uma mulher proprietária de uma casa de prostituição, alcoviteira.

<sup>11</sup> Segundo Stoller (2000), aliás, a perversão é uma forma erótica do ódio. Uma aberração cuja principal motivação é a hostilidade, que, segundo sua definição, é “o desejo de causar o mal a um objeto” (2000, p. 18).

“Vós vos surpreendereis que se morra tão frequentemente em meu estabelecimento?<sup>12</sup>” (WITTKOP, 2003, p. 40), pergunta Marguerite a Louise na carta de janeiro de 1790. No início de *Le théâtre et la cruauté*<sup>13</sup>, ensaio presente em um dos textos mais célebres acerca do teatro no século XX, *Le théâtre et son double*<sup>14</sup>, Antonin Artaud (1896-1948) defenderá que o teatro – seu campo artístico de preferência – não poderia mais se furtar ao debate sobre a crueldade. Uma vez que a crueldade atravessa todos os campos histórico, social e afetivo humanos, a produção artística também não pode manter o longo hábito dos espetáculos de distração. Nesse sentido, Artaud defende a representação de um dos contos de Sade, *Eugénie de Franval*<sup>15</sup>; a violência da escrita do Marquês seria, portanto, um dos meios possíveis para encarmos o homem em todas as suas possibilidades. Em seus escritos, Sade defendera a existência de um sistema de corrupção, putrefação, dissolução, exaustão e aniquilação que possui alicerce não na imoralidade de certos humanos, como poder-se-ia assim imaginar, mas na afirmação empírica de que o mal exerce ‘função essencial’ na ordem das coisas e que os objetivos mesmo da natureza se encontram no ato da destruição. Ali, sob a alcunha de vício e virtude, o bem e o mal chocam-se entre si e a violência das ações humanas surgem como um lembrete de uma malignidade inata ao ser humano.

De fato, grande parte da fortuna sadiana fixou o conceito de sadismo como inteiramente ligado ao mal. No estudo dedicado a Sade, presente em *La littérature et le Mal*, Bataille chegaria ainda a afirmar que no sadismo, trata-se de ter prazer com a destruição contemplada; “assim é o sadismo que é o Mal: se se mata por um proveito material, não é o verdadeiro Mal, o Mal puro”<sup>16</sup> (1989, p. 14), reiterando que a prática sádica se realiza na propagação do mal. O mal, como fenômeno, parece ser de conceitualização escorregadia em termos de linguagem analítica. É difícil entender como o mal puro possa motivar alguém ou mesmo dominar a imaginação humana,

<sup>12</sup> No original: *Vous étonnerez-vous qu'on meure si souvent chez moi?*

<sup>13</sup> *O teatro e a crueldade.*

<sup>14</sup> *O teatro e seu duplo.*

<sup>15</sup> Artaud afirma que nessa representação “o erotismo será transposto, alegoricamente figurado e vestido, no sentido de uma exteriorização violenta da crueldade, e de uma dissimulação do resto”. Tradução de Teixeira Coelho. No original: *l'érotisme sera transposé, figuré allégoriquement et habillé, dans le sens d'une extériorisation violente de la cruauté, et d'une dissimulation du reste.*

<sup>16</sup> Tradução de Suely Bastos. No original: *C'est le sadisme qui est le Mal: si l'on tue pour un avantage matériel, ce n'est le véritable Mal, le Mal pur.*

mas os textos sadianos seriam a prova de que o homem pode ultrapassar o que o assusta, pode encará-lo de frente.

Durante os últimos anos, filósofos morais e políticos tornaram-se cada vez mais interessados no conceito do mal. Este interesse foi parcialmente motivado por atribuições de ‘mal’ por leigos, cientistas sociais, jornalistas e políticos, na tentativa de compreender e responder às várias atrocidades e horrores dos últimos oitenta anos, como por exemplo, os diferentes genocídios, os ataques terroristas e massacres por assassinos em série. O que as análises da contemporaneidade parecem constantemente nos lembrar é que ‘precisamos’ de um conceito do mal.

De acordo com Paul Ricœur (2004), existem vários níveis para discutir a questão do mal; o primeiro, imemorial, é aquele dos mitos que estabelecem uma fonte do bem e do mal; o segundo é o da sabedoria – que abarcaria textos religiosos e filosóficos. Esses textos serviriam para aliviar o homem de sua dor, a dor de viver em um mundo arbitrário e desorganizado. Ainda assim, a incriminação de um agente responsável exterior a si incute ao homem a sensação de ter sido seduzido por forças superiores; ali ele se sente tanto vítima quanto culpado. Nesse sentido, o mal moral designaria tudo aquilo que faz da ação humana um objeto de imputação, de acusação e de culpa. Não obstante, durante a Idade Média até o início dos tempos modernos, a visão do mal como “imputação” dominara. Imputar o mal a algo ou a alguém é dizer que o mal tem uma responsabilidade, colocando-o, segundo Ricœur, a partir de uma perspectiva de retribuição: quem sofreu o mal deve, portanto, procurar sua culpa, sua responsabilidade.

A questão ‘de onde vem o mal?’ perde, assim, todo seu sentido ontológico provocando um *shift* que faz penetrar o problema do mal na esfera do ato, da vontade e do livre arbítrio. Com efeito, para Leibniz – que parte em defesa da teologia cristã – o mal é um acidente, cuja responsabilidade não cai diretamente sobre a atuação de Deus em relação ao mundo, mas volta-se inteiramente para o homem. Nesse sentido, seu *Essai de théodicée*<sup>17</sup> (1710) faz parte de um projeto que promove a exoneração de Deus, não apenas no âmbito da teologia, mas também no da filosofia. Sade, pelo contrário, aproximar-se-ia dos moldes dos textos mais antigos de Nietzsche, nos quais o mal é atribuído sumariamente à existência de Deus, e a escolha voluntária pelo mal nada mais é do que a submissão a uma lei divina. Kant às avessas, Sade prescreveria um comportamento do novo homem moral.

Em *La marchande d'enfants*, a relação negativa com o sagrado é, também, indispensável para a construção da figura do libertino e o ateísmo revelado ao longo das páginas do romance seria uma forma de sacrilégio,

---

<sup>17</sup> *Ensaio de teodicéia.*

uma transgressão dos limites de uma sociedade ocidental majoritariamente católica.

Essa negatividade, aliás, permitiria a compreensão das ideias de bem e mal enquanto construtos sociais e morais. Nesse sentido, a profanação no texto wittkopiano parece recorrer a essa tentativa de transmutar os atos perversos em sacros, apagando, dessa forma, limites pré-concebidos entre o mal e o bem. A descrição do pênis de um dos clientes da mercadora de crianças, um indiano “muito civil”<sup>18</sup> (WITTKOP, 2003, p. 57), corrobora essa ideia; seu falo, instrumento de tortura e violência é uma “enguia sagrada”<sup>19</sup> (*idem*). Se Sade toma a hóstia e retira seu *status* sagrado ao utilizá-la nas cenas libertinas de seus romances, como em *Les Cent Vingt Journées de Sodome* (1785), Wittkop, por sua vez, apreende o seu tema sagrado da ideia do baixo. Nesse sentido, as menções a certas práticas ligadas ao ocultismo de personagens como Madame Canillat, que enlouquece ao fim do romance fascinada pelo sangue que jorrava da guilhotina em plena Revolução, contribuiriam para o estabelecimento do profano:

Exaltada, Madame Canillat apressadamente recitava com uma voz turva por imprecações obscuras, por histórias de bonecas vodu, de fábulas de encantamentos as quais eu não compreendi muita coisa senão que se tratava de algum charme maléfico, destinado à perdição de um inimigo.<sup>20</sup> (WITTKOP, 2003, p. 38-39)

A cena, de cunho quase sobrenatural, revelaria que o libertino seria o único capaz de reconhecer a parte natural do malefício, acedendo a uma transcendência moral, recusando assim os valores que a moral cristã impõe, e destacando-se por entre os outros que não acatam essa verdade. Para Klossowski (1991), a má consciência do libertino devasso representa um estado de espírito transitório entre a consciência do homem social e a mente do filósofo ateu. O libertino sadiano, por um lado, promoveria a polarização do bem contra o mal, no sentido de que a promulgação de valores, como a virtude e a ética, abre o caminho para a realização do mal em sua plenitude – pois, apenas a partir da positividade de suas existências, é dado ao devasso a oportunidade de destruí-las. Assim, a profanação dos símbolos religiosos corrobora esse aparente ateísmo.

---

<sup>18</sup> No original: *fort civil*.

<sup>19</sup> No original: *anguille sacrée*.

<sup>20</sup> No original: *Tout en piquant, Madame Canillat débitait à toute vitesse et d'une voix embarrassée des imprécations obscures, des histoires de dagydes, des fables d'envoûtement auxquelles je ne compris pas grand-chose, sinon qu'il s'agissait de quelque charme maléfique, destiné à la perdition d'un ennemi.*

Se para Sade a única lei a ser seguida é a lei da destruição que encaminha ao gozo, então suas personagens libertinas não fazem nada mais do que exercer seu papel como homens, cometendo “na frieza de sua consciência e de seu espírito suas piores crueldades, seus crimes”<sup>21</sup> (NOËL, 2008, p. 89-90). A presença de personagens como o de Cabriol de Fignan, do romance *La marchande d'enfants*, parece querer aportar em si todos os limites desse atentado contra o sagrado, desse comportamento licencioso e associado à prática do mal que caracteriza os heróis libertinos, e parece também surgir como mostra de que a verdade da natureza humana permanece ainda desconhecida. Uma natureza que seria ‘em si’ profana. “Quem se surpreenderia, cara Louise, de conseguir ainda se surpreender? É, entretanto, o que se passa comigo”<sup>22</sup> (WITTKOP, 2003, p. 75), afirma a *maquerelle* quando Fignan relata o que faz com a carne daqueles que acabara de violentar:

Sabeis que frequentemente açougueiros artificiosos se associam aos jogos de libertinos dos mais rebuscados?... Os primeiros ensinam aos segundos a arte de fatiar uma singular carne de caça. As entranhas são, em parte, jogadas aos cães, com exceção, claro, do fígado e dos rins. Quanto aos intestinos, varia-se de caso em caso, ao acaso da inspiração. Quanto ao resto, não é necessário tudo consumir: degustar é o mais sutil prazer e toda experiência tem seu preço no século em que vivemos.<sup>23</sup> (WITTKOP, 2003, p. 77)

Embora não haja nenhuma declaração direta, como “Não comerás carne humana”, a indicação a partir da Escritura é que o canibalismo é um mal terrível, um horror físico que acompanha o horror espiritual de apostasia. Evocando-o, Wittkop demonstra que esse mal bíblico é, para o perverso, não a instalação do pecado, mas de um ‘prazer’. Elevada ao *status* de arte culinária, Wittkop reitera que o que viria a ser o mal e o prazer humano não podem ser confinados por nomenclaturas, podendo, portanto, tomar infinitas formas. Além disso, sendo a relação entre desejo, lei e prazer particularmente

---

<sup>21</sup> No original: *dans la froideur de sa conscience et de son esprit ses pires cruautés, ses crimes.*

<sup>22</sup> No original: *Qui ne s'étonnerait, chère Louise, de pouvoir s'étonner encore ? C'est pourtant ce qui m'arrive.*

<sup>23</sup> No original : *Savez-vous que souvent des bouchers bien dégourdis s'associent aux jeux des libertins les plus musqués ? ... Ceux-là enseignent à ceux-ci l'art de trancher un gibier un peu rare. Les entrailles sont en parties jetées aux chiens, sauf bien sûr le foie et les rognons. Pour les intestins cela vaire de cas en cas, au hasard de l'inspiration. Quant au reste, nul n'est besoin de tout consommer : goûter est le plus subtil plaisir et toute expérience a son prix dans le siècle où nous vivons.*

estreita no caso dos perversos, aqui jaz, na verdade, a afirmação sadiana de que o crime e o mal não passam de classificações arbitrárias. E o que concebemos como desvio moral na sociedade ocidental, o ato de comer carne humana, é, para Marguerite, motivo de fascinação e ela se “indaga se ele prefere suas carnes grelhadas ou cozidas.”<sup>24</sup> (WITKOP, 2003, p. 78).

O mal, segundo Ricœur, seria ora o pecado, ora o sofrimento humano. E o único ponto de intersecção entre essas duas perspectivas seria o sofrimento infligido pelo homem contra o homem. Talvez esteja nesse ponto de intersecção o mal wittkopiano, a certeza do sofrimento infligido. Nesse sentido, o mal se transmuta em violência, uma vez que a reconhece como ferramenta última para a prática da crueldade, da aniquilação do corpo que estaria ligado à prática sádica. Sade não desdenhou do instinto radical, primitivo, irredutível chamado de pulsão de morte por Freud. A promulgação, pelo contrário, da lei em defesa do mal, do funcionamento do mal é um dos tópicos mais pertinentes na obra de Wittkop e de Sade, e talvez nossa dificuldade maior seja nosso próprio receio em reconhecer a figura do mal – se ela assim existir.

As tentativas de apreender o mal foram, de fato, múltiplas; pensamos, por vezes, saber o que é a crueldade, mas quando a analisamos, todas as convicções parecem sumir. No entanto, dissertar acerca do mal parece fazer ressurgir uma provocação, talvez daí o empenho de Wittkop e de Sade em colocá-lo em prática. Provocação porque a problemática do mal nos faz questionar todos os valores de nossa moral cristã, relativizando o curso da história humana ocidental. O mundo sob a égide do mal seria um mundo no qual não existiriam valores reais nem verdades religiosas, cuja vida social seria um inferno, e o homem uma besta por natureza.

Tal é o mundo libertino recuperado pelo texto de Wittkop. Sendo o mal uma entidade moral, ele se configura como eterno e não-perecível: o mal existindo antes do mundo, constituíra o monstruoso e o execrável e por ser ‘absolutamente natural’, fora capaz de moldar o mundo temível dos libertinos. As vítimas dos libertinos permanecem alvo de infortúnios e são meros objetos nas mãos de seus algozes justamente porque seus planos desafiam o que é natural. Existiria, dessa forma, a integração da atrocidade a um sistema universal no qual figuraria a crueldade, ora justificada, em seu estado mais puro. A dificuldade de separar Sade de seu próprio contexto jaz, a nosso ver, nesse ponto. Talvez aí também se apresente uma explicação para o fato de o romance *La marchande d'enfants*, de Wittkop, não conseguir escapar das garras do contexto sociopolítico da obra sadiana.

---

<sup>24</sup> No original: *demande s'il préfère ses viandes grillées ou mitonnées.*

Para o homem que via de sua janela a execução dos condenados da Revolução pela temida guilhotina e que constantemente denunciava a hipocrisia de uma sociedade que abolia o crime fruto das paixões, mas que o sancionava sob o exercício de leis, mergulhar-se nas historietas libertinas compreenderia também narrar tudo o que se passa ao redor delas. Nesse sentido, parece-nos notável a importância da Revolução, direta ou indiretamente, em Sade e em Gabrielle Wittkop, não unicamente como momento histórico, mas, sobretudo, como o *locus* ideal para a propagação dos atos libertinos.

A preocupação de Wittkop com o conteúdo histórico de *La marchande d'enfants* desponta em inúmeras de suas páginas. Aparentemente, são inocentes menções a nomes que poderiam facilmente passar despercebidos, porém, quando entendidos em seu conjunto, revelam parte de sua intensa investigação ora acerca de personalidades da época, como Gourdan<sup>25</sup>, Quentin de la Tour<sup>26</sup>, Tipoo Sahib<sup>27</sup>, Dr. Louis<sup>28</sup>, Monsieur Rétif<sup>29</sup>, entre outros, ora sobre fatos históricos, como a Assembleia Nacional Constituinte de 17 de junho de 1789 e o assassinato de Marat, ou ainda o cuidadoso mapeamento das ruas de Paris, nunca desconsiderando a importância de cada um dos *arrondissements* no desenrolar da Revolução Francesa – a propriedade de Margueritte se situava, aliás, na rua “Fossés-Saint-Germain, bem em frente ao teatro dos *Comédiens Français*, em cima de *Zoppi*, um café frequentado pelos *beaux esprits*”<sup>30</sup> (WITTKOP, 2003, p. 20). A trama de Wittkop também se organiza no coração da Revolução. Não é, então, surpreendente, que a fantasmagoria da guilhotina, embora nunca nomeada, também ronde as cartas da *Marchande d'enfants*:

Onde carpinteja-se alguma coisa importante. [...] Eu mandei La Pinette ver qual poderia ser a causa. Ela me disse que, espiando

<sup>25</sup> Proprietária de um dos prostíbulos mais profícuos de Paris durante o século XVIII.

<sup>26</sup> Pintor rococó membro da *Académie régionale de peinture*. Célebre por seus quadros de Voltaire, Rousseau, D'Alembert e Louis XV.

<sup>27</sup> Sultão de Mysore a partir de 1782 e um dos principais opositores à instalação do poder britânico na Índia, o que lhe valeu o apelido de “Tigre de Mysore”.

<sup>28</sup> Foi o doutor Louis, célebre cirurgião da época, que recomendou, em um relatório entregue em 7 de março de 1792, a construção de um aparelho a lâmina oblíqua, aperfeiçoando assim o projeto inicial da guilhotina.

<sup>29</sup> O Marquês de Sade e Rétif, cujos pontos de vista eram diametralmente opostos, se odiavam; Rétif, que escrevera um romance intitulado *L'Anti-Justine*, costumava abertamente chamar Sade de “monstro”.

<sup>30</sup> No original: *Fossés-Saint-Germain, juste en face du théâtre des Comédiens Français, au-dessus de chez Zoppi, café où fréquentent les beaux esprits*.

por um pequeno buraco, ela havia percebido uma espécie de pórtico montado em frente de alguma coisa que se assemelhava a uma báscula, desembocando em uma partição articulada por duas partes e perfurada por um buraco circular no meio. Isso me parece obscuro e eu não vejo nenhum sentido nesse objeto.<sup>31</sup> (WITTKOP, 2003, p. 97-98)

Essa contextualização parece, na realidade, essencial para a instalação do mal sadiano. A falta de sentido a qual menciona Marguerite não seria aqui apenas sobre o desconhecimento da utilidade do objeto, mas poderia também indicar o ilógico de sua construção: a montagem de um aparelho que serviu para decapitar milhares de ‘inimigos da Revolução’ não parece corroborar os ideais da mesma. Para o ‘divino Marquês’, uma revolução experienciada por uma nação avelhantada e decrépita, não poderia ser, de forma alguma, uma oportunidade de regeneração de seus indivíduos e de sua ordem. Seria-nos conveniente lembrar que o enredo de *La philosophie dans le boudoir* se passa provavelmente entre julho de 1794 e outubro de 1795, imediatamente após o Terror, período que durou cerca de um ano e durante o qual aproximadamente 17.000 pessoas foram guilhotinadas. Para John Phillips (2005), não é implausível que o panfleto possa ser concebido como um comentário dos acontecimentos contemporâneos ao escritor.

Partindo desse cenário obscuro causado pela inerente brutalidade de Deus, da natureza e agora do Estado, Gabrielle Wittkop parece almejar o mergulho em uma sociedade soterrada pela irrestrita depravação de todas as suas instâncias. Esse universo tenebroso de uma cidade formada por becos estreitos e sujos promove uma imagem de decadência – decadência esta que se alastra por todas as suas camadas. Paris

não é senão uma grande colmeia dividida em células estanques. Em uma célula aqui conspira-se, naquela lá agiota-se, em outra estabelece-se planos fantasmagóricos da Cidade futuro e em todos os lugares não se fala senão das alegrias da boca e do baixo-ventre.<sup>32</sup> (WITTKOP, 2003, p. 157)

---

<sup>31</sup> No original: [...] où l'on charpente quelque chose d'important. [...] j'ai envoyé La Pinette voir quelle pouvait en être la cause. Elle m'a dit que, lorgnant par un petit trou des carreaux, elle avait aperçu une espèce de portique monté devant quelque chose ressemblant à une bascule, aboutissant à une cloison articulée en deux parties et percée d'un trou circulaire au milieu. Cela me semble obscur et je ne vois aucun sens dans cet objet.

<sup>32</sup> No original: ce n'est qu'une grosse ruche divisée en cellules étanches. Dans celle-ci on complot, dans celle-là on agiote, dans l'autre on établit les plans fantasmagoriques de la Cité future et partout on ne parle que des joies de la gueule et du bas-ventre.

Cria-se, portanto, uma Paris imaginária, que abarca todos os tipos de podridão, seja ela moral ou não, e em todos os seus espaços. Nela, as igrejas atualmente estão quase sempre desertas e as grandes avenidas da cidade, aliás, abarrotadas por uma multidão, que alimentada pela sanguinolência das execuções públicas se torna cada vez mais sedenta de sangue. Nas descrições das cenas das condenações de ladrões, de prostitutas e de *maquerelles*, Wittkop abre um espaço de questionamentos acerca do que convém, à população, ser entendido como violento:

Sabeis como se passavam as coisas quando se tratava da punição exemplar reservada às matronas? Um tambor que conduzia o terrível cortejo, precedido de um sargento armado com um pique e um criado levando pela rédea um jumento montado, à contragosto, pela abadessa coroada de palha, virada em direção ao traseiro do animal. Ela vestia uma espécie de sobrecasaca marcada por sinais ignominiosos, indignos do século das Luzes e um cartaz no qual estava escrito em letras enormes “*Maquerelle* pública”. Imaginais toda a ralé no tumulto e a embriaguez da alegria, jogando suas boinas sujas, fechando a procissão com vaias e gritos licenciosos.<sup>33</sup> (WITTKOP, 2003, p. 128-129)

Ali, ela desvela a imposição do espetáculo da humilhação, da morte, a embriaguez com a qual esses cortejos são aceitos pela população geral, que ironicamente repreende criminosos, mas que perpetua sua conduta. Existiria aí uma ‘renaturalização da crueldade’, nos termos de Pierre Klossowski, que perpassaria justamente o reconhecimento da violência como um dos funcionamentos básicos da natureza, cujas “barbáries de um tempo no qual a quantidade substitui a qualidade”<sup>34</sup> (WITTKOP, 2003, p. 101) se multiplicam com o passar dos anos. Ao escolher a estética do grotesco como uma forma de atacar a sensibilidade humana, em *La marchande d’enfants*,

---

<sup>33</sup> No original: *Savez-vous comment se passaient les choses quand il s’agissait de la punition exemplaire réservée aux matrones? Un tambour qui marchait en tête de l’affreux cortège, précédait un sergent armé d’une pique puis un valet conduisant par la bride un âne monté à reculons par l’abbesse couronné de paille et tounée vers l’arrière-train de l’animal. Elle portait une espèce de souquenille marquée de signes infamants, indignes du siècle des Lumières et une pancarte où était inscrit en gros caractères : « Maquerelle publique ». Imaginez toute la canaille dans le tumulte et l’ivresse de la joie, jetant en l’air ses sales bonnets, et fermant la marche avec des huées et des cris licencieux.*

<sup>34</sup> No original: *barbáries d’un temps où la quantité remplace la qualité.*

Gabrielle Wittkop toma para si e renova com a discussão acerca de como a civilização, ela própria, exige a regulamentação de certos tipos de violência.

Não se pode deixar passar despercebido que o estudo da anatomia, campo de pesquisa que teve consideráveis avanços durante o Iluminismo, também se beneficia desse sistema. O necrotério, aliás, se forma, na narrativa, como um *locus* no qual convergem a perversidade das instituições e o prazer pela barbárie que infesta toda a população parisiense:

O fedor é enorme. O Necrotério não se esvaziou depois que, há alguns meses, fora exposta a cabeça de um homem encontrada em Bercy, cozida com toucinho em um recipiente de terra. Eu a vi, era uma bola cinza na qual algumas mechas ainda estavam coladas, os olhos estavam grandes e cozidos até embranquecer, fora de órbita como olhos de peixe [...]. Eu vos dissera, nossas crianças findam-se com bastante frequência nesse lugar. Nós podemos, portanto, vê-los, alguns deitados sobre o sal, o ventre já povoado e movente, seus pertences, se eles ainda os possuem, pendurados atrás deles por um prego. Essas crianças estão, então, tão mudadas que mesmo suas mães as reconheceriam com dificuldade. Nós vamos ao Necrotério, logo, com o objetivo único de nos divertirmos.<sup>35</sup> (WITTKOP, 2003, p. 34)

O olhar se serve do horror da violência. Na capital, onde a morte por decapitação se apresenta como espetáculo aberto, “mulheres e, sobretudo, hordas de crianças não deixavam jamais o pé da guilhotina e se saciavam de sangue como bestas”<sup>36</sup> (WITTKOP, 2003, p. 152). Seus habitantes também integram essa orgia dionisíaca, na qual, em uma inversão do cristianismo, o sangue substitui o vinho, e o corpo substitui o pão — e deve ser, portanto, consumido, aniquilado, eliminado. Daí explica-se também o alastramento de um mal cotidiano: “nunca vimos tal onda de estupro varrer Paris, onde todos

---

<sup>35</sup> No original: *La puenteur est énorme. La Morgue n'a pas désempli lorsqu'il y a quelques mois, on expose une tête d'homme trouvée à Bercy, cuite avec du lard dans un vaisseau de terre. Je l'ai vue, c'était une boule grise où collaient encore des mèches, où les yeux étaient gros et bouillis à blanc comme ceux d'un poisson. [...] Je vous l'ai dite, nos enfants échouent bien souvent en ce lieu. On peut alors les y voir, certains couchés dans le sel, le ventre habité et bougeant déjà, leurs hardes, s'ils en ont encore, pendues derrière eux à un clou. Ces enfants sont alors si changés que leurs mères elle-mêmes auraient peine à les reconnaître. On ne va donc à la Morgue que dans le but de se divertir.*

<sup>36</sup> Tradução nossa. No original: *des femmes et surtout des hordes d'enfants ne quittaient pas le pied de la guillotine et se repaissaient de sang comme des fauves.*

os bordéis estão florescendo, exceto, infelizmente, o meu<sup>37</sup> (WITTKOP, 2003, p. 97).

No início da versão inglesa de *Sade, mon prochain*, Alphonso Lingis aponta que o objetivo de Sade era o de “debilitar o homem genérico e promover o caso excepcional: o monstro”<sup>38</sup> (1991, p. 13). Parece-nos, ao contrário, que Gabrielle Wittkop quer, através do alastramento do mal e da violência, doravante unidos, jogar com a hipocrisia, não apenas do Estado — como fizera Sade ao zombar dos métodos sanguinários da Revolução, mas atestar que o desejo sádico pela violência percorre e habita o ‘eu’ de todos os humanos:

Nós sabemos presentemente para que serve a máquina a qual eu vos descrevi há dois meses e, desde então, vos haveis certamente lido nas gazetas algumas palavras sobre o assunto. Depois de tê-la experimentado em ovelhas, colocaram-na na praça de la Grève e o ladrão Pelletier fizera as honras da inauguração. Como em Paris ama-se a novidade, ali havia uma enorme multidão que, no entanto, ficara bastante desapontada da coisa ter se feito tão rapidamente. [...] Na minha juventude, nós íamos ver a execução pela roda e eu vos garanto, o espetáculo valia a pena.<sup>39</sup> (WITTKOP, 2003, p. 101)

Wittkop sustentaria assim, que, se a civilização prevê o fim da violência como modo de garantia de sua segurança, ela não deixa, entretanto, de ‘apreciá-la’. A afirmação não é uma acusação moral, mas um desmantelamento do conceito mesmo do mal. Se todos são maus, a dicotomia entre bem e mal estaria, portanto, desfeita. O mal não é senão um espetáculo, sujeito à apreciação.

Mergulhar nos espaços mais profundos da psique humana revelou-se, portanto, em Wittkop como uma forma de desvelamento de um sistema de práticas costumeiramente associadas ao mal. Esse sistema implementado pelos libertinos wittkopianos, que passariam a compor não apenas os libertinos sadianos mas também os ditos ‘bem-aventurados’, toma para si os

---

<sup>37</sup> No original: *on n'a jamais vu pareille vague de stupre défeler sur Paris, où tous les bordels font florès, sauf hélas le mien.*

<sup>38</sup> No original: *undermine the generic man and promote the singular case, the monster.*

<sup>39</sup> No original: *Nous savons tous à présent à quoi sert la machine que je vous ai dépeinte il y a deux mois et, depuis lors, vous aurez sûrement lu dans les gazettes quelques mots à ce sujet. Après l'avoir expérimenté sur des moutons, on l'a dressé place de la Grève et le voleur Pelletier eut les honneurs d'inauguration. Comme à Paris on aime la nouveauté, il y avait une foule énorme qui pourtant fut bien désappointé de ce que la chose se fit si vite. [...] Dans ma jeunesse, on allait voir rouer et je vous assure que le spectacle en valait la peine.*

preceitos dos perversos a fim de pôr em ação um mal que propaga a prática perversa da violência. O romance epistolar de Wittkop surge assim como um curto bestiário, unindo os moldes sadianos e a brevidade dos escritos literários do século XVIII, e que nos propõe uma reflexão acerca do que realmente viria a ser a prática da violência e de como podemos concebê-la. Não é de se surpreender, portanto, que, logo ao início do romance, enquanto descreve cenas de violência, Marguerite descarte a existência do diabo: “apenas o Diabo, se ele existisse, saberia descrevê-las [malosas farsas]”<sup>40</sup> (WITTKOP, 2003, p. 21): o mal, e sua organização, é *affaire* dos homens.

Com um dos discursos de Loizel, “médico de personalidade agradável e, nem feio nem bonito [...] ele não acredita em nada e nem se queixa de nada”<sup>41</sup> (WITTKOP, 2003, p. 102), Wittkop arremata sua dissertação, não por meio de longos discursos como assim fizera o Marquês de Sade, mas pelos certos e perspicazes exemplos acerca do mal humano:

— Os moralistas, Loizel dissera enquanto eu lhe servia porto, afirmam que todas as nossas tribulações vêm de uma má conduta, mas poderíamos dissertar longamente sobre o que eles querem dizer com isso, as errâncias muito mais do que os erros precisam ser muito judiciosamente conduzidas. Quanto a certos males, é verdade que eles não são expedidos por diligência. Ao contrário do que afirmam os devotos que, quando os contraem, acusam os artifícios do Diabo ou cuspidoras de portas, a varíola nos chega pela cópula, pela felação, pela sodomia, pelo cunilíngua. Causas veniais, fulminantes...<sup>42</sup> (WITTKOP, 2003, p. 103)

Em uma tacada, Wittkop chama a atenção dos ‘moralistas’, lembrando-os de que o que concebemos como mal não seria uma consequência de uma imputação divina – tendo ela já desarticulado a ideia de pecado; o que chamamos mal simplesmente não existiria, existindo apenas os prazeres e os sofrimentos da carne.

---

<sup>40</sup> No original: *Seul, s'il existait, le Diable saurait les décrire.*

<sup>41</sup> No original: *médecin, d'agréable caractère et, ni laid ni beau [...] il ne croit en rien, ne se plaint de rien.*

<sup>42</sup> No original: *- Les moralistes, dit Loizel tandis que je lui servais le porto, prétendent que toutes nos tribulations viennent de l'inconduite, mais nous pourrions longuement dissertar sur ce qu'ils entendent par là, les errances bien plus que les errements ayant d'être très judicieusement conduites. Quant à certains maux, il est vrai qu'ils ne sont point expédiés par les diligences. Contrairement à ce qu'affirment les dévots qui, lorsqu'ils l'attrapent, accusent les artifices du Malin ou les loquets de porte, la vérole nous vient par copulation, fellation, cunilingue et pédication. Causes vénielles, fulminants...*

A partir dos trechos analisados na seção anterior, acreditamos que haveria, em *La marchande d'enfants*, um alastramento do que é reconhecido como mal dentro da construção do romance, de forma a ali criar uma dissertação acerca do que viria a ser a malignidade humana. Wittkop, parecidos apontar para um tipo de 'voyeurismo-sádico' que encontra na Revolução Francesa, na hipocrisia dos povos, a comprovação de uma latência perversa circunscrita ao homem. Existiria, portanto, um movimento entre a interioridade e a exterioridade dos espaços descritos no romance, pois, ao contrário do que se possa imaginar, os quartos reservados à perversão e à depravação não são as fronteiras da atuação maléfica. Instala-se aí um jogo no qual Wittkop visaria, a partir da representação de um mal perverso, brincar com os próprios limites da conceitualização do mal e da perversão.

Segundo Roudinesco e Plon (1998, p. 584), a perversão sempre esteve ligada a todas as formas possíveis da arte erótica tanto do Oriente, quanto no Ocidente; de forma tal que as variações sobre o tema da perversão se revelam múltiplas segundo épocas, países, culturas e costumes. Para Roudinesco (1998), o termo perversão evoca um campo de expressão muito amplo. No entanto, desde o início de seu uso, a palavra se revelou carregada de uma força negativa fazendo referência, sobretudo, à sua correlação com o mal – o mal num sentido tanto diabólico quanto corrompido, e agindo de forma individual ou de forma social. A perversão, que na psicanálise está associada à sexualidade, faz parte portanto, no romance *La marchande d'enfants*, de um projeto de 'experimentação': uma vez que Wittkop jogaria com a carga negativa do conceito, construindo não apenas um romance que promove e ratifica a singular ligação a qual o perverso mantém com a realidade — uma realidade, aliás, alimentada por ele próprio — como também desarticula a concepção que o mundo toma do perverso. Sendo a perversão não mais do que uma estrutura produzida na clínica, Wittkop desejaria talvez questionar e mesmo balançar os limites da representação da sexualidade, sem se propor, no entanto, a julgá-la.

Como objeto de tabu, centro do prazer sádico-pedófilo, o corpo infantil ocupa uma posição dupla em *La marchande d'enfants* que lhe desvelará em seu *status* tanto de expressão da inocência quanto de chamamento à perversão. Esses “objetos vivos postos à disposição delas [pessoas delicadas]”<sup>43</sup> (WITTKOP, 2003, p. 20), doravante manipuláveis, são então percebidos a partir de suas peles, de seus cabelos, de seus gestos. O desvelamento do corpo infantil criaria, então, um paradigma entre a

---

<sup>43</sup> No original: *objets vivants mis à leur dispositions [personnes délicates]*.

fascinação da beleza de seus corpos e do nojo que emerge da prática da pedofilia; entretanto, esse paradigma reforça os tabus em questão e aumenta sistematicamente o interesse pela perversão.

Dando título ao romance, uma das problemáticas mais importantes de *La marchande d'enfants* não está apenas na prática da pedofilia, mas na comercialização do corpo infantil. Segundo a própria Marguerite, a atividade da *maquerelle* constitui-se, em meio ao cenário libertino, como “uma das profissões mais uteis à humanidade”<sup>44</sup> (WITTKOP, 2003, p. 19). Sua utilidade é, portanto, dupla: Marguerite ‘satisfaz’ os preceitos da cosmologia do mal sadiano, servindo diretamente à natureza humana, ao mesmo tempo em que ‘organiza’ as ações de seus sectários, abrindo espaço para a prática da perversão. É por meio de sua profissão que a libertinagem pode tomar forma concreta sob o caos da Revolução que acontecia, ali perto, a céu aberto.

Afastados da estrutura estatal e institucional francesa, os libertinos sadianos formam, entre si, um novo organismo, no qual o processo de privatização do mal alcança seu estopim. Esses organismos, que são em si mesmos sociedades, são apresentados principalmente em dois romances do Marquês de Sade. Nos *Les Cent Vingt Journées de Sodome* adentramos o castelo ocupado por uma comitiva de quarenta e seis pessoas, incluindo as quatro personagens principais, as quatro prostitutas que narram as histórias, trinta e dois súditos e algumas cozinheiras. Já em *Histoire de Juliette*<sup>45</sup>, a sociedade é composta por quatrocentos membros, com os quais Juliette entrega-se a todo tipo de volúpia. Eliane Robert Moraes (2011) chama atenção para a notória presença de inúmeras ‘sociedades do amor’, principalmente na Inglaterra e na França dos séculos XVII e XVIII, revelando uma primeira chave de leitura para a *mise en scène* dessas furtivas confrarias.

Victor Hugo poderia nos desvelar uma segunda chave de leitura, ainda à propósito de sociedades clandestinas. O grupo de Marguerite parece querer dar continuidade às ações do bando dos *Comprachicos*<sup>46</sup> que seria, em *L'homme qui rit*<sup>47</sup> (1869), um célebre grupo de traficantes de crianças, agindo na Europa durante o século XVII<sup>48</sup>. Embora os *Comprachicos* se dedicassem apenas ao tráfico de crianças e não ao roubo delas, como age o grupo libertino de *La marchande d'enfants*, sua existência ficcional nos abre espaço para uma reflexão primeira acerca do comércio de perversão. Nele, muito

---

<sup>44</sup> No original: *une profession des plus utiles à l'humanité*.

<sup>45</sup> *História de Juliette*.

<sup>46</sup> Expressão em espanhol que literalmente significa “compra crianças”.

<sup>47</sup> *O homem que ri*.

<sup>48</sup> Os clubes *She romps club* e *Merry-dances*, também sociedades presentes em *L'homme qui rit*, mostram ainda o desprezo gratuito contra mulheres, que são ali apresentadas como mercadoria para a apreciação dos clientes dos clubes.

como no bando de Marguerite, crianças são deformadas e transformadas em brinquedos insólitos e grotescos para o divertimento daqueles que possuem o poder para tal<sup>49</sup>. Recuperar os *Comprachicos* de Victor Hugo também nos permitiria conceber a criação da sociedade libertina sob duas perspectivas distintas: a primeira, revelando uma sociedade de criação de monstros produzidos eles mesmos por aqueles que são tidos costumeiramente como monstros; a segunda, demonstrando que a perversão pode ser analisada levando em conta que o sucesso da empreitada libertina, de sua ‘economia’, está diretamente ligado à aceitação e à demanda de uma clientela. Essa última perspectiva, corroboraria, aliás, com a ideia dessa Paris imaginária de Wittkop corrompida pelo mal e pela perversão, cujos habitantes recorrem ao comércio de Marguerite.

Tomando forma da *Sociedade dos Amigos do Crime*<sup>50</sup>, como assim fora nomeada a sociedade retratada em *Histoire de Juliette*, estabelece-se, em *La marchande d'enfant*, um núcleo clandestino de poder, também composto por libertinos parisienses ou estrangeiros preparados para transformar a propriedade de Marguerite em um singular castelo de Silling. A permanência da clandestinidade dos negócios da *maquerelle* é, aliás, em consonância ao que aponta Moraes (2011) acerca das ‘sociedades do amor’, constante presença ao longo da narrativa. Porém, contrariamente ao que faziam as personagens sadianas, que percorriam longas jornadas e se enclausuravam em verdadeiros cenários *noir* para a realização de seus luxuosos banquetes, Marguerite e sua trupe, como já havíamos apontado, se instaura no centro da atividade política parisiense. Ela relata diversas vezes, aliás, que a localização de seu negócio provocara mal-estar e desconfiança por entre seus concidadãos, fosse por barulhos estranhos, por cheiros desagradáveis ou mesmo pela fuga de alguma de suas crianças, fazendo o leitor relembrar o quão importante é, para o bom desenrolar das atividades da *maquerelle*, que “não importa quais sejam as depravações que suceder-se-ão em seu estabelecimento, é importante que nada transpire para fora”<sup>51</sup> (WITTKOP, 2003, p. 23). Expurgar o exterior da interioridade do espaço libertino nada mais seria, na realidade, do que a consolidação das muralhas, postas por Sade, para envelopar as personagens libertinas e suas vítimas. Mais ainda: talvez o assentamento dessa ilha licenciosa no âmago da cidade em plena

---

<sup>49</sup> Da mesma forma que a criança wittkopiana padece sob a agência do homem sádico, a personagem de Gwynplaine se revela o “produto mesmo da aliança e a afinidade entre o poder e o crime” (BARRETO, 2006, p. 108). Tradução nossa. No original: *produit même de l’alliance entre le pouvoir et le crime*.

<sup>50</sup> Apesar do nome atribuído por Sade, a Sociedade só se serve convencionalmente da palavra crime, declarando não designar assim nenhuma espécie de ação, seja qual for.

<sup>51</sup> No original: *quelles soient les débauches que l’on mènera chez vous, il importe que rien n’en transpire au-dehors*.

Revolução, fosse o ‘paraíso perdido’ levado ao extremo; ali os devassos encontravam o liame de sua clandestinidade e de sua aceitação perante seus iguais. Encontravam o risco constante do abismo.

Assim, embora isolados das restrições que a sociedade impõe, os devassos estão sempre acompanhados<sup>52</sup>. No espaço da volúpia construído em *La marchande d’enfants*, a *maquerelle* é acompanhada por cinco outros membros, fora seus clientes, que a auxiliam no cumprimento de seu trabalho, cada qual com sua designada função. Logo na primeira carta endereçada a sua amiga Louise, Marguerite apresenta Florian, um “escravo da Martinica adquirido por bastante dinheiro e que, às vezes, deve servir aos clientes”<sup>53</sup> (WITTKOP, 2003, p. 21), um “casal de velhos e quase mudos, [que] se ocupam da faxina”<sup>54</sup> (WITTKOP, 2003, p. 21), chamados Le Jacques e La Jacqueline, Marthe Scapulaire, “a pessoa mais audaz e impávida a qual já me fora permitido encontrar”<sup>55</sup> (WITTKOP, 2003, p. 21), responsável principalmente por procurar e adquirir novas crianças, e, finalmente, la Pinette, uma mulher “quase anã, mas cheia de artifícios e rica em expedientes [...] que outrora servira a meus prazeres pessoais e permanecera devota a mim”<sup>56</sup> (WITTKOP, 2003, p. 21). Juntos, os seis membros dessa ‘sociedade do crime’ asseguram o sucesso de suas atividades e é constituído ali um outro tipo de solidão, uma solidão comunitária, que ecoa os princípios seguidos pelo estatuto da sociedade sadiana. Encarregados de diferentes funções, são os libertinos comandados por Marguerite que asseguram, portanto, o bom encaminhamento dos negócios. Para isso, eles vasculham toda Paris de forma a aliciar ou raptar crianças que podem vir a ser-lhes uteis. A empreitada não parece sem frutos dentro desse universo do mal e da perversão a qual se encontra mergulhada a capital francesa, uma vez que mesmo as freiras fazem parte, como vimos, desse proveitoso esquema. Marguerite, em uma de suas cartas, até lamenta a morte de uma vizinha:

Acabaram de levar em uma maca minha vizinha, a mulher Penaud, morta por ter-se feito abortar. Ela arranjava a coisa ela mesma, e até duas a três vezes por ano, disseram-me. Se eu

---

<sup>52</sup> As vítimas dentro do sistema de organização libertina, por outro lado, permanecerão sempre isoladas umas das outras: Elas [as crianças] são confinadas separadamente com alguns doces e brinquedos, antes de que as utilizemos. **Esse é meu sistema.** (WITTKOP, 2003, p. 61, grifo nosso) No original: *Ils [les enfants] sont enfermés séparément avec des douceurs et des jouets, avant le temps où on les utilise. C’est mon système.*

<sup>53</sup> No original: *esclave de la Martinique acheté fort cher et qui parfois doit servir les clients.*

<sup>54</sup> No original: *couple viellot et presque muet, s’occupe du ménage.*

<sup>55</sup> No original: *la personne la plus hardie et impavide qu’il m’ait été donné de rencontrer.*

<sup>56</sup> No original: *presque naine mais pleine de ruse et riche en expédients [...] qui jadis servit mes plaisirs personnelles et m’est restée dévouée.*

soubesse, eu teria lhe comprado seus frutos, e talvez ela estaria ainda viva, talvez não.<sup>57</sup> (WITTKOP, 2003, p. 82)

Qual não seria a ironia de termos um estabelecimento de comercialização de crianças capaz de salvar vidas? Seria mal, seria perversão o que é absolutamente útil? Fato é que, na trama de *La marchande d'enfants*, o negócio sádico-pedófilo prospera. Nessa Paris obscura e impiedosa, não é preciso procurar muito para encontrar a diversidade de ofertas oferecidas aos libertinos, como assim vimos.

Uma vez compreendido o complexo sistema que compõe o pensamento sadiano, um discurso que promove o vício como virtude e apaga os limites do par bem e mal, é preciso também assimilarmos que o advento da sociedade laica, com a chegada da Revolução e sua luta pela liberdade individual, permitiu apenas uma forma possível para o mal — a ‘violência’. Isso porque eliminados os valores cristãos, profanados seus símbolos, o mal não pode mais ser assimilado como uma alternativa ao pecado ou ao sofrimento humano; doravante ele será apenas sofrimento infligido. Em *La marchande d'enfants*, a tortura, o estupro, e a morte adentram, portanto, o seio literário, retomando a tradição de uma estética também maligna, na qual a perversidade toma corpo e promove, dentro do entendimento sadiano, os objetivos verdadeiros da humanidade.

Coube-nos, assim, reconhecer, que as marcas deixadas pelo Marquês de Sade, particularmente na geração romântica francesa e depois em sua retomada no movimento surrealista, estendem-se até hoje sobre a pluma de uma escritora para quem “o que os outros nomeiam perversidade é, para ela, natural”<sup>58</sup>. A retomada dos temas do sadismo, do satanismo nos mostra que a negatividade permanece na literatura moderna como um amplo campo de pesquisa, que deseja não apenas dissertar sobre a composição do mal e do perverso, mas que pretende, para além de uma ética moralizante, estudar e compreender a plasticidade de tais conceitos. O mergulho em Wittkop, em seus ditos monstros, é um mergulho no que existe de mais humano. Se, por um lado, poucos romances podem parecer tão pessimistas sobre a natureza humana, por outro, também poucos podem jogar luz renovada ao desafio de tudo escrever. E, no seio de cenas cruéis que destrincham totalmente a natureza do mal humano, ao desafio de tudo celebrar.

---

<sup>57</sup> No original: *On vient aussi d'enlever sur une civière ma voisine, la femme Penaud, morte à force de se faire avorter. Elle arrangeait elle-même la chose, et jusqu'à deux à trois fois l'an, à ce qu'on dit. Si je l'avais su, je lui aurais acheté ses fruits, et peut-être serait-elle encore en vie, peut-être que non.*

<sup>58</sup> Em artigo para o jornal *Libération*, escrito por Mathieu Lindon, 2003. Tradução nossa. No original: *ce que les autres appellent perversité lui est naturel.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, G. *L'érotisme*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957.

\_\_\_\_\_. *O erotismo*. Trad. Antonio Carlos Viana. São Paulo: L&PM, 1987.

\_\_\_\_\_. *La littérature et le mal*. Paris: Gallimard, 1957.

\_\_\_\_\_. *Les larmes d'Éros*. Paris: Pauvert, 1961.

CANDIDO, A. Romantismo, negatividade, modernidade. *Anuario del Colegio de Estudios Latinoamericanos. Universidad Nacional Autónoma de México*. México, vol. 1, p.137-141. 2006.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. *Éthique et esthétique de la perversion*. Paris: Champ Vallon, 2006 / *Ética e estética da perversão*. Tradução de Vera Jacques. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, J. *Structures and perversions*. Nova Iorque: Other Press, 2001.

FERRAZ, F. C. *Perversão: clínica psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KLOSSOWSKI, P. *Sade my neighbor*. Illinois: Northwestern University Press Evanston, 1991.

LE BRUN, A. *Sade soudain un bloc d'abîme*. Paris: Gallimard, 1986.

\_\_\_\_\_. *Sade: attaquer le soleil*. Paris: Gallimard, Coédition Musée d'Orsay, 2014.

MORAES, E. R. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2011.

NOËL, J. C. *Le problème du mal dans "Justine" de Sade*. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Sciences Humaines, Philosophie et Critique Contemporaine de La Culture) – Université Paris VIII, Paris.

PAZ, O. *Um mais além erótico: Sade..* São Paulo: Mandarin, 1999.

RICŒUR., P. *Le mal: un défi à la philosophie et à la théologie*. Genebra: Labor et Fides, 2004.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. São Paulo: Zahar, 1998.

SADE. D. A. F. de. *Oeuvres*. (n. 371). Paris: Gallimard, 1990. T.1 (Collection Bibliothèque de la Pléiade).

\_\_\_\_\_. *Oeuvres*. (n 449). Paris: Gallimard, 1998. T.3 (Collection Bibliothèque de la Pléiade)

STOLLER, R. J. *La perversion: forme érotique de la haine*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2000.

WITTKOP, G. *La Marchande d'enfants*. Paris: Éditions Verticales, 2003.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2017

Data de aprovação: 30 de maio de 2018